

# O livro de Isaac: de Alcobaça à Biblioteca Nacional

*Ronaldo Menegaz*

Um dos códices medievais da Biblioteca Nacional, diligentemente copiado e ricamente iluminado, era tradicionalmente chamado *Liber de Contemptu Mundi* e, como tal, foi vendido à Biblioteca Nacional pela Livraria Kosmos Editora, em 1962. Trata-se de um códice de pergaminho, in 8º, de 114 folhas sem numeração, 32 linhas por página e 48 capítulos nomeados e relacionados na "tauoada dos capitollas de isaac"; tem 2 páginas com 3 bordos iluminados e grandes iniciais em ouro e cores, 9 iniciais em ouro sobre fundo colorido e numerosas iniciais em azul e vermelho. A encadernação é antiga, em couro, com gravações a frio em estilo espanhol; tem fechos de metal a que faltam os braços e vestígios de ter tido correntes que o prendiam à estante onde ficava. Trata-se do Livro de Isaac, códice alcobacense do final do século XIV, início do século XV, contemporâneo, portanto, de outras obras de caráter místico -moralizante como o Horto do Esposo e o Boosco Deleitoso.

Há notícia de três versões manuscritas do Livro de Isaac em português, todas da mesma época: o códice da nossa Biblioteca Nacional, completo e iluminado e que teve uma primeira edição moderna pela Biblioteca Nacional em 1994; o códice da Biblioteca Nacional de Lisboa, cópia simples em gótico bastardo, também de 48 capítulos, como a do Rio de Janeiro, faltando porém o primeiro, o segundo e parte do terceiro; e um texto da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, que não é exatamente uma outra versão, mas uma coletânea de excertos do Livro de Isaac; esse texto de Évora não é dividido em capítulos.

O Professor Doutor César Nardelli Cambraia, da Universidade Federal de Minas Gerais, em sua tese de doutorado, defendida na USP em abril de 2000, e cujo núcleo central é a edição moderna do texto da Biblioteca Nacional de Lisboa, em duas versões, uma semidiplomática e outra, que ele chama de edição

interpretativa, noticia a existência de uma versão latina do século XV. Tanto o texto do Rio de Janeiro, quanto os de Lisboa em português e em latim, todos procedem da Biblioteca do Mosteiro de Nossa Senhora de Alcobça. Antes da edição da nossa Biblioteca Nacional em 1994, Mário Martins (Martins, 1956, p.210-11), medievalista português, fala dos textos existentes do Livro de Isaac, mas não faz referência alguma ao exemplar do Rio de Janeiro.

Existiriam, enfim, três textos em português e um em latim do Livro de Isaac. A que se pode atribuir a fortuna dessa obra monástica nos séculos finais da Baixa Idade Média?

Historiadores e estudiosos da Idade Média (Le Goff, 1988, p.105-6 e Duby, 1979, p.306) falam de uma mudança de mentalidade ocorrida no século XIV. Verifica-se entre os intelectuais um forte impulso no sentido de um abandono da escolástica e um retorno à "santa ignorância"; a ciência racional se apaga diante de uma piedade afetiva; ocorre um desprezo pela ciência, considerada labor inútil diante da morte, porta sempre aberta para a eternidade naqueles tempos de peste, fome, guerras dinásticas, revoltas de camponeses e, perturbando a solidez da Igreja, o imenso problema do Cisma a dividir em dois partidos a cristandade. Em Portugal, como no resto da Europa, o quadro é o mesmo. A Crônicas de D. João de Fernão Lopes mostra toda a agitação da guerra dinástica entre os partidários do Mestre de Avis e os de D. Beatriz, filha de D. Fernando e esposa de D. João I de Castela. Sabe-se, inclusive pelo cronista que os castelhanos suspenderam o cerco de Lisboa por causa da Peste que se manifestou no acampamento inimigo atingindo a própria rainha de Castela. Oliveira Marques (Marques, 1985 I, p.194-95) fala das conseqüências econômico-sociais da Peste Negra e outras pestes que devastaram Portugal e toda a Europa no século XIV, suscitando terrores da morte a se mostrar sempre iminente. A busca da salvação eterna levava proprietários a doar terras e outros bens às ordens religiosas, às sés e às paróquias. A imagem do Juízo Final, esperado a todo momento, lembrava a todos que era necessário apaziguar a cólera divina e estar sempre preparado para a morte. Costuma-se dizer que um terço da população da Europa morreu vítima da Peste. Verifica-se, então, em tempo tão difícil, um surto de devoção e o desenvolvimento de novas formas de piedade, que se manifestam, inclusive, na expressão artística.

Esse movimento geral de ascese e piedade reflete-se numa literatura própria de que se conservam em Portugal alguns documentos. São traduzidos numerosos tratados religiosos e se escrevem em vernáculo obras piedosas que refletem essa tendência

a uma reflexão mais aprofundada sobre o que o Catecismo católico chama de "os novíssimos do homem: morte, juízo, inferno, paraíso". A própria tradução da Bíblia ordenada por D. João I pode ser incluída entre os frutos dessa mentalidade, ou mesmo, os conselhos tão ascéticos de D. Duarte em seu Leal Conselheiro.

Mas, voltando à obra erroneamente chamada de *Liber de Contemptu Mundi*, objeto desta comunicação, é necessário dizer que o próprio copista, que no preâmbulo da obra diz que desconhece seu nome verdadeiro, embora saiba e diga que seu autor foi "um Isaac que havia cura de reger monges" no final do códice, numa espécie de colofão em que ele se identifica, diz que o livro se chama Isaac:

Eu frei João d'Anha pecador e não digno per graça e ajuda de meu Senhor Deus e de sua madre Santa Maria e do preceoso São Jerônimo escrevi e aluminei este livro segundo per ele podes veer. O qual livro é chamado Isaac<sup>1</sup>

César Nardelli Cambraia, em sua tese acima referida, apresenta o resultado das pesquisas sobre a identificação de Isaac. Este teria sido bispo de Ninive, que renunciou a seu bispado para viver vida de monge nas montanhas, em região do atual Irã, em silêncio junto com os anacoretas que lá viviam. Posteriormente foi viver no mosteiro de Raban Xabur, ainda no atual Irã. Pela sua severíssima vida de ascese e pelo intenso estudo das Escrituras, ficou cego, e os discípulos registraram seus ensinamentos. Morreu em idade bem avançada e foi sepultado no próprio mosteiro. Teria vivido por volta do ano 700 de nossa era. Embora o Livro de Isaac tenha tido imensa divulgação no mundo cristão, alguns anos mais tarde não passaria incólume pela Inquisição devido à orientação nestoriana<sup>2</sup> de seu autor.

Impressiona na leitura dessa obra pia o extremo ascetismo que ela prega. Há nela uma constante exaltação da penitência, da vigília, do silêncio e da abstinência, do jejum e da misoginia, do mais completo desprezo dos bens do mundo, do conforto, da comida e da bebida.

A obra destina-se à formação dos monges e seus ensinamentos se resumem no último capítulo, o 48º, "Da ensinança e castigo dos noviços e dos velhos. Graças a deus. Amém."

Apesar do extremo rigor preconizado pela obra, de sua aspereza quase desumana, existem páginas de imensa sensibilidade e poesia, que lembram o amor

<sup>1</sup> Livro de Isaac fólio 3

<sup>2</sup> Em lugar de atribuir à única pessoa de Jesus a natureza divina e a humana, Nestorius pregava a existência de duas pessoas distintas em Cristo, a divina e a humana.

místico de São João da Cruz e de Santa Teresa de Jesus:

Ó Senhor, tu que choraste sobre Lázaro e quiseste derramar lágrimas de compaixão, recebe as lágrimas de minha amargura. Por as tuas santas paixões sana as minhas. Por tuas santas chagas te praza de querer sanar as minhas chagas de pecado e por teu sangue precioso queiras o meu sangue alimpar e faze com o meu corpo acompanhe aquel cheiro glorioso do teu corpo precioso. E o fel que te deram a beuer os teus emigos endoce e console a minha alma da amargura que o emigo auersário há metido e lançado em mim. E o teu corpo precioso que foi estendido em na cruz enderence e encline a ti o meu pensamento, o qual hão os emigos ao inferno atirado; e a tua cabeça preciosa que quiseste enclinar em na árvor e em no tormento da cruz alce e enderence a minha cabeça, que é por meus emigos abaixada. Aquelas tuas mãos gloriosas que foram com cravos pregadas queiram a mi alçar e tirar da confusão da minha perdição, assi como nos a dicto e prometido a tua boca bem-aventurada. E a tua gloriosa face que tão fortemente foi ferida e escarnecida per os malditos e sem conhecimento dos judeus, queira a minha face alegrar, que é por tantas maldades fecta escura. A tua alma que disse estando tu em na cruz: Padre, em as tuas mãos encomendo o meu espírito, leue a minha alma a tua santa glória.<sup>3</sup>

Além dos acentos poéticos que percorrem a obra, deve-se observar nela a riqueza imagística que se revela na sua leitura. São numerosas as imagens e símiles de que lança mão o autor para evidenciar melhor seu pensamento. Os símiles, em sua construção dípica, conferem à linguagem um aspecto proverbial, que de certo modo, junto com o poético de certos trechos amenizam e colorem um texto que seria sem eles extremamente áspero e rude. Leia-se, por exemplo:

Dizem da serea do mar que aqueles que ouven a sua voz, que pela sua grande dulcidõ que faz do seu canto leixam e esquecem seu próprio caminho e cõprendidos pola sua dulcidõ do canto morrem. E assy o entendimento da alma quando pode compreender em sy a dulcidõ celestial, toda é acesa em aquela dulcidõ em tal guisa que toda esta vida esquece e avorrece e acoutinha todolos deleites do corpo e alça-se desta vida a nosso Senhor Jesu Cristo<sup>4</sup>

Observe-se ainda outros exemplos mais breves:

<sup>3</sup> Livro de Isaac, fólío 72v - 73 Para transcrição, modernizou-se o texto segundo normas ecdóticas.

<sup>4</sup> Livro de Isaac, fólío 104v

"O marinheiro olha a ribeira seca, o verdadeiro monge olha a hora da morte", ou ainda: "E o mestre pola estrela rege sua nave, e o monge por oração se guarda e rege a si mesmo" Interessante reparar também a presença do mar como metáfora da vida no mundo e o porto, a "ribeira seca" como metáfora da eternidade.

Quando comecei a fazer a leitura diplomática do códice, interessei-me por saber de onde ele provinha, uma vez que não se tratava de obra da Real Biblioteca do Príncipe Regente D. João, como acontecia com a maior parte das obras antigas do acervo da Biblioteca Nacional. Procurei a Livraria Kosmos Editora, que havia vendido o livro, mas nada puderam ou quiseram informar além de me dar um catálogo que continha uma descrição do códice, a qual foi transcrita na introdução da edição da Biblioteca Nacional. Como já ficou dito anteriormente, os estudiosos de textos antigos falavam das edições existentes em Portugal, mas ninguém se referia ao códice do Rio de Janeiro. Era desconhecido para mim o códice de Lisboa, que depois vim a ver em cópia fac-similar, o do Rio de Janeiro era o mais perfeito e mais bonito códice do Livro de Isaac.

Uma provável pista foi dada pelo livro de Serafim da Silva Neto (Silva Neto, 1956, p.120-1). O filólogo arrola entre os livros pertencentes a D. Fernando, o Infante Santo, um "livro que se chama Jsaac, em linguagem." Em 1437, enquanto o Infante Santo encontrava-se em Tânger como prisioneiro dos mouros, procedeu-se ao inventário dos livros de sua livraria, encontrando-se entre eles o chamado livro de Isaac em linguagem, de que não dá o Prof. Serafim maiores detalhes, além de aduzir a hipótese levantada por Teófilo Braga de que se trataria de obra do médico judeu R. Isaahk, escrita em castelhano no século XII. O mestre brasileiro lembra, acompanhando Júlio Dantas, que a livraria do infeliz Infante de Aviz era "constituída exclusivamente de obras religiosas." Que faria aí, então, um livro de Medicina? Ora, para quem buscava a origem de um códice antigo, o caminho estava aberto para a imaginação. Não dava para pensar em outra coisa: A Biblioteca Nacional possui o exemplar do Livro de Isaac que pertenceu ao Infante Santo. Mas como afirmar isso sem maiores provas, sem outros indícios que esses que nos são dados pelo Prof. Serafim? Foi então que muito a medo escrevi na Introdução à edição da Biblioteca Nacional:

Que impede o leitor, na falta de informação segura, de imaginar a possibilidade de o códice da Biblioteca Nacional do Rio ser o exemplar outrora pertencente a D. Fernando? É uma suposição mera, mas que adiciona à emoção natural de se compulsar a obra um respeito sacral diante de um livro que pode ter pertencido ao príncipe filho de D. João I e mártir da causa da Fé e o Império?<sup>5</sup>

Ao levantar essa hipótese, mal sabia o editor do texto da Biblioteca Nacional que em 1978, José Marques da Cruz Pinto em artigo no *O Comércio do Porto*, intitulado "Um códice português quatrocentista na Biblioteca do Rio de Janeiro", já havia levantado a mesma hipótese. O conhecimento de tal fato veio através da referida Tese de Doutorado de César Nardelli Cambraia.

Para reforço dessa possibilidade de o códice ter pertencido a D. Fernando, convém lembrar o esmero com que foi copiado e a rara beleza das capitulares iluminadas. As qualidades excelentes de elaboração do códice do Rio de Janeiro ainda ficam mais enfatizadas se observarmos a simplicidade dos códigos de Lisboa e de Évora. O cuidado que se pôs na confecção do primeiro pode levar a crer que se tratava de encomenda especial para alguém de muita importância como seria o filho do rei. Acrescente-se a isso o que escreve Aires do Nascimento no verbete Alcobaça do *Dicionário da Literatura Galega e Portuguesa* (Lanciani & Tavani, 1993, p.32) : "A Alcobaça recorreram já no século XV D. Duarte e o infante D. Fernando para o empréstimo de livros, se é que não também a rainha D. Leonor..."

Quem nos impede de pensar que o infante tenha desejado possuir o livro e que os bons frades de Alcobaça se propuseram fazer-lhe uma cópia digna de um príncipe.

Assim são numerosos os índices de que o códice da nossa Biblioteca Nacional tenha pertencido ao Infante D. Fernando. Transmito ainda informações tiradas da tese de Nardelli Cambraia, segundo a qual três professores de Berkeley, (Askisns, Faulhaber & Sharrer , 1999) dizem que o exemplar da BN Rio teve como proprietários anteriores a Biblioteca Universitária e Provincial , em Valência, Espanha, e antes dela, o Mosteiro de San Miguel de los Reyes, também em Valência, e ainda antes, teria pertencido a D. Fernando de Aragão, que terá vivido entre os anos de 1452 e 1516. D. Fernando, o Infante Santo, viveu um pouco antes, entre 1402 e 1443. Entre outras possibilidades pode-se pensar que os professores americanos tenham feito confusão entre D. Fernando de Aragão e D. Fernando, o Infante Santo. Pode-se invocar também a lembrança de que a rainha D. Leonor, esposa de D. Duarte era filha de D. Fernando I, rei de Aragão, provavelmente o avô do que é tido como um dos prováveis donos do códice que se encontra hoje na

---

<sup>5</sup> *Livro de Isaac de Ninive*. Fac-símile e transcrição diplomática de ... Rio de Janeiro: Edições do Departamento Nacional do Livro. Fundação Biblioteca Nacional, 1994. P8

Biblioteca Nacional.

O que, também, queria compartilhar com os colegas neste Colóquio em torno das relações luso-brasileiras é a riqueza e a capacidade de nos surpreender que a Biblioteca Nacional, para cá trazida pela Família Real portuguesa no primeiro decênio do século XIX, guarda em seu rico acervo. São peças que nos levam a ficar pensando em seu itinerário antes de entrar nas coleções da Biblioteca: um exemplar do Código Civil francês com o carimbo da biblioteca da Malmaison, o palácio da Imperatriz Josefina; um livro de estampas bíblicas do século XVII com notações que registram ter pertencido à casa dos jesuítas de Paris com o nome do famoso Père La Chaise, confessor de Luís XIV e que deu nome ao mais famoso cemitério de Paris; um belo códice medieval, em excelente pergaminho e com as mais belas iluminuras, que tem todas as probabilidades de ter pertencido a D. Fernando, o Infante Santo. Oxalá tenhamos ainda a possibilidade de afirmar categoricamente esse fato.

## Bibliografia

- CAMBRAIA, César Nardelli. *Livro de Isaac*: Edição e Glossário (Cod. Alc. 416). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras, na área de Filologia e Língua Portuguesa. (inédita em livro)
- DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais; Arte e Sociedade 980-1420*. Lisboa; Estampa, 1979.
- LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.
- LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais na Idade Média*. São Paulo Editora Brasiliense, 1985.
- LIVRO DE ISAAC*. Fac-símile e Transcrição Diplomática de Ronaldo Menegaz. Rio de Janeiro: Edições do Departamento Nacional do Livro. Fundação Biblioteca Nacional, 1994
- MARQUES, H. de Oliveira. *História de Portugal* Lisboa: Palas, 1985 v.I
- MARTINS, Mário. *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Cruz, 1956.
- SILVA NETO, Serafim. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.

## Resumo

O códice medieval chamado Livro de Isaac foi adquirido pela Biblioteca Nacional em 1962. Trata-se de um códice bem copiado e iluminado de uma obra piedosa para orientação de

monges, que foi escrita em siríaco e posteriormente traduzido para várias línguas, inclusive o português. Seu aparecimento em Portugal coincide com uma época de grandes dificuldades sócio-econômicas decorrentes da peste negra, da guerra dinástica contra os castelhanos e do Cisma da Cristandade.

Nesta comunicação faz-se a apresentação do códice e discute-se a possibilidade ele ter pertencido a D. Fernando, o Infante Santo.

**Palavras-chave:** manuscrito, códice, Biblioteca Nacional, D. Fernando.

### *Abstract*

The medieval manuscript called Livro de Isaac (Book of Isaac) was acquired by the National Library in 1962. It is a medieval manuscript of a pious work destined to the monks orientation that was wrote in teh language of the Syrians and was translated to several languages, included the Portuguese. Its appearing in Portugal coincides with a period of great difficulties na troubles in the society resulting from the black pest, fromthe dynastic war against the Castlians and from the Schism of the Christianity.

In this communication it is reasoned about the possibility of the ancient manuscript to belong to D. Fernando, the Holy Infante.

**Key-words:** manuscript, code, National Library, D. Fernando.